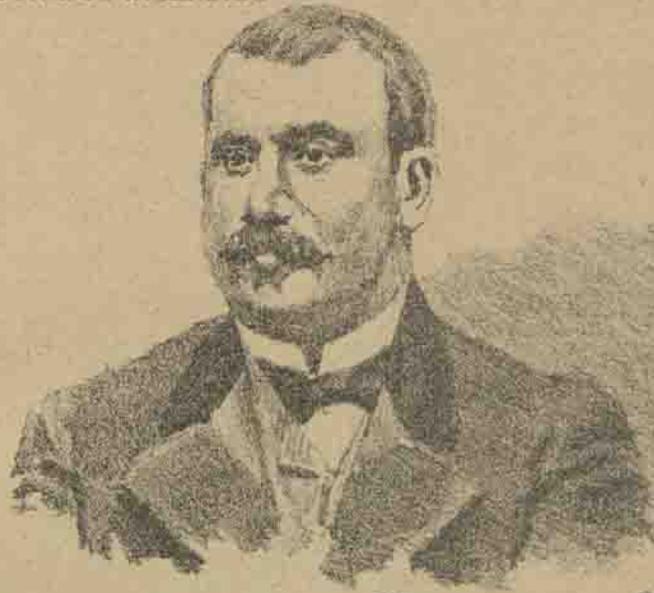


O INCENDIO DO CHIADO

O INSPECTOR DOS INCENDIOS



AUGUSTO FERREIRA



ESTADO ACTUAL DO FREIO INCENDIADO



VISCONDE DE BENALCANFOR

SEGUNDO UM PHOTOGRAPHIA TIRADA NO EGYPTO - Janeiro - 1879.

(VEJA-SE NA PAGINA SEGUINTE)

Mortos

O visconde de Benalcanfor, que a morte acaba de tragar em plena seiva da vida madura, era um dos mais puros representantes da geração litteraria de ha trinta annos, e um dos mais desempenados folhetinistas d'essa pleiade de *phraseurs* que veio com Lopes de Mendonça, popularisar em artigos soltos, as ligeirezas d'estylo *papilotant* que Garrett inaugurara em Portugal, com as *Viagens*.

Bello e galhardo, com uma cortezia maliciosa que fazia brilhar a mocidade inextinguivel da sua bocca de *gourmet*, e uma boa palavra para todos os nomes a que ficasse bem prender uma *sympathia*, Benalcanfor dir-se-hia á primeira vista um homem satisfeito, um d'estes chimericos rapazes que nunca deixam de ver a *vie en rose*, pobres ou ricos, felizes ou desgraçados que os annos lhe decorram.

Contara os dias da mocidade pelos prazeres elegantes entre que a espargira, e pela *nonchalance* entre que deixara respirar a sua forte e bailla organização de gentilhomem doidivanas, indifferente aos revezes da fortuna, indifferente ás perturbações da saude — que uma e outra, mal administradas, de prever era, não garantissem longas caudales de gozo ao prodigo escriptor.

Fino e voluptuoso, com a sensibilidade delicada mas instavel, a sua litteratura era assim uma coisa incorporada como a renda, de que se admira o trabalho inconsistente, mas com que se não pode agazalhar afinal um corpo nú. A cada passo, no vestir do assumpto, a imaginação da phrase engolphava-lhe os períodos de locuções similares e cambiantes, tumultuosas ás vézes, a ponto de lhe comprometterem a nitidez da ideação. E como acontece aos folhetinistas que não tem por traz da forma descuidosa, o arcabouço d'uma poderosa cultura litteraria, renovada sem treguas, dia a dia, sempre que na factura d'um artigo não intervinha a imaginação do signatario, apoderava-se do leitor uma especie d'enfado, e nasciam duvidas quanto á sinceridade artistica da obra, e quanto ao valor dos seus meios d'execução.

Não deve isto contar-se entre os subtractivos do talento litterario de Benalcanfor, que o teve, e certo, senão ser referido á instantaneidade da sua producção, sempre feita de vespera, n'um espaço de tempo fixo, e consoante as exigencias do jornal que lh'a pedia.

A bem dizer, Benalcanfor nunca teve da litteratura outra noção que não fosse a d'um agradável passatempo. A sua natureza indolente de *jouisseur* repugnava todos os esforços tenazes. Para esse casquilho, a concepção artistica não admittia a tortura, o labor, o procurado; e tudo devia, para um verdadeiro homem de letras, acorrer aos bicos da penna, mercê d'aquelle estado de *framito cerebral*, a que os poetas muito bem chamavam, no tempo d'elle, *inspiração*.

Ha entretanto n'essa obra occasional d'escriptor avulso, de folhetinista errante de folha em folha, meia duzia de paginas juvenis e desinvoltas, que aos esquadriñhadores será grato encontrar d'aqui a annos, quando já não soar na memoria dos *lidos*, o nome d'esse Ricardo Guimarães, que tantas dezenas de chronicas assignou!

Por essas pobres folhas se diagnosticará então a alma volátil do *sympathico maluco* que tanto soube amar as coisas faceis, e sorrir á existencia o seu sorriso sceptico e vermelho—mesmo á hora em que, fiada a mocidade, e a pobreza prestes, forçoso lhe foi lançar mão da penna para viver.

Por mim, guardo de Benalcanfor eternas saudades. Foi a mão d'elle uma das primeiras que eu apertei na vida litteraria, e a sua voz uma das que primeiro me fallou com algum interesse. Mesmo, a sua amabilidade unctuosa captava-me, como uma espontanea floração da sua natureza debordante, afinada no convivio d'alcovas e de salas, e ferindo, por isso mesmo a orgulhosa *misanthropia* do cavador d'aldeia que em mim ha.

×

—As *Novidades* discutem com o patriarcha, se o sr. D. Luiz estará, ou não estará, no purgatorio. E' caso grave! Segundo as *Novidades*, o patriarcha, promovendo exequias solemnes pelo rei, quiz significar que o mesmo está a arder no inferno, convindo então resolver o Altissimo, por meio de sacrificios religiosos, a deixal-o sahir de lá, antes que de todo fique reduzido a torresmos. Ora, é contra esta opinião feroz do chefe da igreja lusitana, que se oppõe em pezo a redacção do jornal supra—segundo a qual S. M. deve d'estar áquelle hora no cou, de papinho cheio, a gozar...

Nós outros, Sanchos Panças massados já d'estas ephemeras pugnas *post mortem*, se fossemos arbitros no litigio, a primeira coisa que faziamos era chamar a nós o patriarcha e a redacção das *Novidades*, e dizer-lhes:

—Vão vocemecês visitar o caixão do rei D. Luiz, a S. Vicente. Se S. M. lá continuar ainda, embalsamado, fiquem certos de que elle nem está a gosar no cou, nem a fazer chiada no purgatorio — está mas é alli embalsamado, no caixãozinho.

Agora se tiver desaparecido, fia mais fino. Mas ainda n'este caso, escusam d'ir fazer queixumes para a Sé, e d'ir fazer artigos para a redacção. Querendo saber ao certo onde o rei pára, o melhor é... queixarem-se a pontão.

—Dando conta das exequias celebradas na Sé patriarchal, em memoria de S. M., todos os jornaes elogiavam o bom gosto dos armadores Montes e Pereira, que pozeram aos quatro cantos do catafalco, illuminadas a luz electrica, e veladas de crepe, as figuras do *Inverno*, da *Primavera*, do *Estio*, e do *Outomno*.

Não se comprehende bem a relação de coherencia havida entre o reinado do sr. D. Luiz e as estações do anno, nem por pobreza allegorica se póde este ponto interpretar, attenta a abundancia de feitos historicos havidos nos 28 annos em que o saudoso finado teve a corôa. Sob a governação do sr. D. Luiz se fizeram em Portugal todos os caminhos de ferro que ora temos: porque motivo pois não substituiram os armadores Montes e Pereira, no catafalco regio, as estações do anno, antes por estações de caminho de ferro? No logar do inverno, Santa Apolonia; no logar da primavera, o Barreiro; no logar do Estio, a estação d'Alcantara, e no logar do Outomno, a Estação Central...

Muito embora as envolvessem de crepes tambem—que assim rendiam homenagem, ao mesmo tempo, á memoria do rei, e á memoria dos descarrilados.

COMO SE PROCLAMA UMA REPUBLICA



—Meu caro sr. Pedro d'Alcantara, esta proclamada a republica no Brazil.
 —Já sei, já sei. Cá recebi não era prossa.

—Nicolau, bota na mala minhas luvas cõr di grão.

—Adeusinho! Obrigadinho por tudo, e escreva, hein seu moço?
 —Adeus, boa viagem, seu Pedro.

A CAMINHO DA EUROPA.



E FINAL TUDO SE RESUME A ISTO:



E afinal, tudo se reduziu a isto:
 Um imperador que sahe no momento historico em que os generais entra.
 Eis emãm simplificado o problema da evoluçõe.

Mustafá Abdalla Timp

O CUMULO DA REPORTAGE



O palacio de Belem, na mesmíssima occasião em que a Divina Providência houve por bem favorecer o bom povo portuguez com mais um robusto infante.

Por ahi...

No Rocio dêmos entrada,
Mas reprime os risos francos;
E, p'ra não te escapar nada,
Lança a vista, disfarçada,
Pela elite d'esses bancos...

Olha aquelle *dilletante*,
De apertado e curto fraque,
Com que modo provocante
Elle mostra o seu galante
Sapatinho de duraque...

N'esta raça peregrina
O Rocio é muito farto...
Vê, companheira ladina,
Que guarda d'honra tão fina
P'ra o senhor D. Pedro IV!

Mas fujamos d'este centro,
A correr vamos embora:
Por mais forças que concentro
Tenho náuseas cá por dentro
De deitar o jantar fóra!



Lembram-te as velhas boticas
De torvo aspecto cebaceo?
Então que assombrada ficas
Vendo estas montras tão ricas
Da grande loja do Estacio.

Tem quanto ha de transcendente
Em remedios de mais vogas:
De vel-os, lambe-se a gente!
— Té faz gosto estar doente
P'ra tomar d'aquellas drogas!



Agora, o Mattos Moreira,
Que da fome acorda os echos.
De litt'rato andou na feira,
Mas desertou da fileira
E hoje só cuida em bonecos.

Andou bem. Cá n'esta terra,
Quem p'las letras se consome,
Fique certo, que não erra,
De que a fome se lhe aferra
Até que o mate de fome.

E aqui tens pois a razão
Porque eu affirmo e sustento
Que mais vale, sem questão,
Ser tendeiro com baleão
Que litt'rato com talento!



Mas deixemos—não approvas?—
Lastimaveis impressões...
Trauteando alegres trovás
Vamos ver que coisas novas
Ha no largo do Camões.

Já lá vão bem bons janceiros
—E é com saudade que os conto!—
Vinham ver os forasteiros
Monumento—e dos primeiros!—
Que havia aqui n'este ponto.

Toda a gente, todo o mundo
Que passava este caminho,
Ia, com pasmo profundo,
Ver o nariz sem segundo
Do Valentim do Martinho!

Mas, hoje, a má sorte quiz
D'essa reliquia dar cabo...
Ninguém lhe gaba os perfis,
Ninguém lhe importa o nariz:
D'aquelle pobre diabo!

Ao nariz dando de mão
Com dura indifferença fria,
Hoje o pasmo, a admiração
Cae toda sobre a estação
Da ricassa Companhia!

Maldita! que assim te abrazas
Em derrocadas sem fim!
Depois de arrazar's mil casas,
Rematando agora arrazas
O nariz do Valentim!!!

João Torquato

Interview com o sr. Pedro d'Alcantara

A Chronica não tem mãos a medir. Caheu-lhe os acontecimentos em cima da meza, aos tombos, como uma rovoada d'aves que tivesse recebido d'um facto uma chumbada.

E pela primeira vez o chronista hesita. Mas n'isto, de cambullada com tordos d'azas crestadas por incendios e simples codornizes de pernita esfolada por desmoronamentos, eis que nos cahe do ceu aos trambulhões, em riscos de nos arrancar a penna das mãos, um passaroco enorme. Não vem ferido o pobre bicho, mas visivelmente estonteado. Dir-se-hia que estando d'aza encolhida, no cocuruto de qualquer elevada cordilheira, fosse subitamente arrastado pela queda da montanha, e de escantilhão, entro o pedregulho da derrocada, viesse parar aqui, mal reposto ainda da surpresa.

E' uma aguia?

E' um condor?

Não o sabemos. Consultados os zoologos, são uns de opinião que é um grande bicho, outros que é um pobre bicho. Successivamente sollicitados por estes dois sabios pontos de vista, procuramos o eminente naturalista Guerra Junqueiro que, ao cabo de uma rapida investigação, nos respondeu, solenne e definitivo:

—Foi uma aguia: E' um peru.

Cheios de alvoroço, corremos a casa, murmurando o verso do bom do padre cura:

Comidos com arroz, são excellentes...

quando, movidos por um sentimento de curiosidade, que por um instante pôde calar as instigações da nossa gula, resolvemos entrevistar o peru. Os *interviews* estão em moda. Nada mais natural, portanto, E começamos:

P.—Quer ter a bondade de me dizer d'onde vem?

R.—Minha terra tem palmeiras
Onde canta o sabiá
As aves que aqui gorgieiam
Não gorgieiam como lá.



P.—Perfeitamente explicado. E para que deixou sua terra, se sua terra tem palmeiras onde o sabiá canta, e se as aves que lá gorgieiam não gorgieiam como aqui no largo da Abegoaria?

R.—Dizignios!

P.—Da Providencia?

R.—Não, di Quintino.

P.—E quem é Quintino?



R.—Quintino é raio qui escangalha arvore, dirru-
ba throno e bota elle abaixo.

P.—E que lhe fez Quintino?

R.—Mi derrubou.

P.—Mas protestou, pediu certamente justiça, ap-
pellou sem duvida para a constituição e para a lei,
gritou as armas! bradou pelo povo...



R.—Qui povo? Qui armas?

P.—Pelo seu povo! Pelas suas armas!

R.—Meu povo e minhas armas não são d'este mun-
do!



P.—Resignou-se então?

R.—Quê, quê! Mandeí botar annuncio na *Gazeta*
di Noticias.

P.—Pode dar-me uma copia d'esse annuncio?

R.—*Presidente*—offerocce-se um com alguma prati-
ca de imperador. Dá abonações. Ver e tratar, palacio
de S. Christovam.

P.—E appareceu gente?

R.—Quê, quê?

P.—Que fez então?

R.—Mandeí röpiti tres vezes annuncio.

P.—E d'ahi, nada. Ao terceiro dia, estando eu sen-
tado á mão direita di princeza imperial, Quintino mi
appareceu vistido di Santerre e armado di pistola, e
mi disse:—«Paquete espera elle!» Chamei Nicolau



e lhi disse:—Nicolau, bota na mala minhas luvas
côr di grão!

P.—E partiu?

R.—Parti.

P.—De fórma que vossa magestade é um impera-
dor desempregado. E que tenciona agora fazer?

R.—Sonetos.

N'isto, sua magestade saccoú de um papel que
trazia no bico e principiou a recitar:

Di bordo di paquete qui mi leva
Vejo di longe minha ingrata patria...
Ilhas das Cobras, Nitheroy, Cattete...
Onde nasci, onde brinquei, ó...



Não quizemos ouvir mais. Sufamos-nos pela pri-
meira porta, contendo a muito custo a dolorosa im-
pressão que nos causara essa entrevista com o bom
homem e excellente monarcha, a quem, ao contra-
rio do que succedeu com Magdalena, nunca per-
doarão o ter amado muito.

Escaldadas com o exemplo, algumas familias dy-
nasticas das nossas relações vão pôr as suas barbas
de molho.

João Risora.